

Diversão & Arte

Para...

» NAHIMA MACIEL

Livros que evocam as questões ambientais não são mais escassos nas prateleiras das livrarias. Uma variedade bem-vinda está disponível depois que as editoras passaram a incluir o tema em seus catálogos. O *Diversão & Arte* fez

uma seleção de títulos recém-lançados que iluminam, de alguma forma, as questões mais urgentes relativas à preservação do clima e do planeta. Elas podem aparecer na forma de ficção — caso do novo livro de Daniel Munduruku e do celebrado romance sobre árvores do americano Richard Powers —, ou como memórias,

como a publicação do cacique Raoni, ou ainda em forma de reportagem, com a incursão de Marina Rossi pela devastação causada pelo gado na Amazônia. E, para fechar com um toque de reflexão, vale conferir o ensaio epistolar da antropóloga Aparecida Vilaça e do filósofo Geoffrey Lloyd.



...ler...

INVASÃO

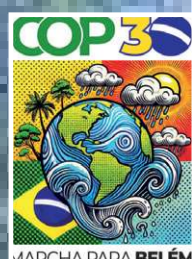
Foi uma reportagem da jornalista Marina Rossi sobre o desmatamento causado pelo avanço dos rebanhos de bois em território amazônico que levou ao projeto *O cerco* — *A Amazônia invadida pelo gado*, publicado pela Todavia e que a autora lança amanhã, na Livraria Platô. Marina passou seis dias na região de São Félix do Xingu e outras cidades para investigar o impacto causado pelo pasto na floresta.

No livro, ela mostra como a grilagem de terras, a criação de gado e a exploração de madeira ilegal estão intimamente ligados na Amazônia. E como os números, apesar de enormes, não contribuem para nenhum tipo de avanço socioeconômico da região. O crime de grilagem

é cometido abertamente, a fiscalização é ineficiente e até o crédito rural, que é dinheiro público, financia o desmatamento. A área de São Félix do Xingu tem 84.212 quilômetros quadrados, quase quatro vezes o estado do Sergipe, segundo a autora. “Os 2,5 milhões de bois espalhados por fazendas e sítios xingueses em 2023 formavam um rebanho e tanto diante da população da cidade, que no mesmo ano era de 65,4 mil pessoas, contabilizando cerca de 38 bois por habitante”, escreve. “Apesar de rica em gado, a cidade apresenta baixos índices socioeconômicos, como a taxa de escolarização de crianças e adolescentes, uma das menores do país.”

Há, como ela demonstra, grileiros maiores e menores. Grandes empresas com presença firme na região e pequenos fazendeiros que lutam para

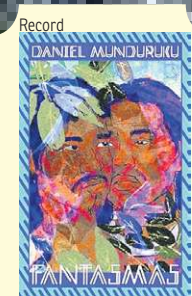
se desvencilhar da sobreposição dos Cadastros Ambientais Rurais (CAR), um certificado fácil demais de obter e necessário para acessar os créditos rurais. A sobreposição é um sinal forte de grilagem. Há, também, ribeirinhos e ativistas engajados na proteção da floresta e constantemente ameaçados de morte. A Amazônia não é uma terra de paz. Onde há briga por território, há bala. “Não é um tema fácil, mas acho que é possível, escrevendo de um jeito claro, com histórias, atrair os leitores”, diz Marina. “A ideia era tentar contar como a Amazônia estava virando pasto e tentar explicar de onde veio e para onde vamos.”



SELEÇÃO DE LIVROS ABORDA QUESTÕES LIGADAS AO MEIO AMBIENTE, AOS POVOS ORIGINÁRIOS E À PRESERVAÇÃO DA NATUREZA



O CERCO — A AMAZÔNIA INVADIDA PELO GADO
De Marina Rossi.
Todavia, 140 páginas.
R\$ 74,90



FANTASMAS
De Daniel Munduruku.
Record, 144 páginas.
R\$ 59,90

POVOS ORIGINÁRIOS

O narrador criado por Daniel Munduruku para o romance *Fantasmas* perdeu toda a família, dizimada em um de tantos massacres operados contra os povos originários. Para sobreviver, ele não quis se juntar ao homem branco: preferiu cavar buracos no solo e viver escondido na floresta. A história que inspirou o escritor é real e ficou célebre em 1996, quando um primeiro encontro com um indígena que vivia sozinho, isolado e escondido em Rondônia veio à tona nos jornais brasileiros. “Quando ele morreu, no governo anterior, o governo não permitiu que fosse enterrado em seu território original. Queriam enterrá-lo como indigente, mas o Ministério Público intercedeu e obrigou a enterrar no território e fazer a demarcação daquela terra para ele”, conta Munduruku.

No livro, o indígena conversa com um advogado negro para o qual conta a própria história. “Eu quis aprofundar a relação meio tortuosa que o Brasil tem tido com os povos indígenas”, explica o autor. “A grande contradição em relação às populações indígenas

LUCIANO AVANÇO FOTOGRAFIA/DIVULGAÇÃO



Daniel Munduruku:
ficção baseada em fatos verídicos

era o que estava no meu horizonte quando escrevi. E também uma epopeia universal: a briga do mais fraco contra o mais forte.” O advogado se prepara para defender o narrador enquanto este último elabora a própria história. “A ideia foi trazer para o cenário um debate para a cultura

...o...

indígena do ponto de vista do indígena mas, ao mesmo tempo, situar essa sociedade que se impõe como verdade absoluta e macula o jeito ancestral de existir”, avisa Munduruku.

Eleito vereador de Lorena (SP) pelo PDT em 2024 e autor de mais de 40 livros, o vencedor de dois prêmios Jabuti acredita que a literatura mais interessante do Brasil hoje é feita por indígenas, mas ainda é difícil publicar quando se trata de ficção para adultos. Boa parte da produção de Munduruku é de livros para jovens e crianças. “Ainda tem uma certa dificuldade de estabelecer uma relação com o mercado editorial quando se trata de uma literatura adulta. A gente tem conseguido quebrar essa lógica por conta da literatura infantil e juvenil, porque a gente conseguiu convencer o estado brasileiro a criar leis que permitam que a temática indígena esteja presente no mundo escolar e isso obriga o governo a lançar editais para compra de livros de autores indígenas”, explica.

Duas perguntas para// Daniel Munduruku

Qual o lugar da literatura indígena hoje no Brasil?

A literatura que tem algo realmente diferente a dizer é a escrita por indígena. Hoje é

uma luta permanente para se discutir questões identitárias, ou de direitos, ou questões ligadas à violência, ao mercado de trabalho, que é basicamente o que todo mundo quer. Mas a visão das pessoas não consegue ir além disso. Os indígenas trazem uma leitura diferenciada disso, o que torna nossa escrita potente e original.

Como o meio ambiente aparece nesse cenário?

Na literatura não indígena, o meio ambiente está presente dentro da perspectiva ocidental de exploração, ou entra como um personagem na luta política, na luta social dos ambientalistas. E, claro, quando se tem a perspectiva indígena a natureza ganha um outro lugar nessas narrativas, entra como uma espécie de protagonista na história, que é o que acontece em *Fantasmas*. Isso acontece porque a gente só tem uma leitura de mundo possível e a passa pela ideia de exploração, crescimento, desenvolvimento e, ainda que se coloque a natureza como personagem, não é a personagem compreendida a partir dela mesma, é sempre a partir do narrador, e o narrador sempre vai refletir a partir de seu olhar como um ser superior à natureza. Isso faz com que o tema não seja aprofundado nem reflexionado pelas pessoas.

MEMÓRIAS

Os netos do cacique mais renomado do Brasil realizaram diversas entrevistas com o avô para escrever este livro de memórias que propõe, como aponta Fernando Niemeyer no prefácio, olhar para a história do país a partir da perspectiva de quem já estava no território quando o colonizador chegou. Nascido em 1937 na região do Kapôt, na floresta amazônica, Raoni se tornou uma das mais importantes lideranças indígenas do país. À frente da luta pela preservação da Amazônia, o cacique da etnia caiapó não se cansa de apontar que o imenso abismo entre a sabedoria dos povos originários e a sociedade brasileira podem custar caro ao Brasil. Para os homens viverem em paz, lembra Raoni, é preciso preservar rios e florestas.

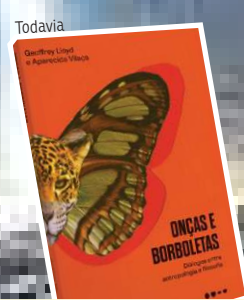


RAONI — MEMÓRIAS DO CACIQUE

De Raoni. Companhia das Letras, 276 páginas. R\$ 80,90

A BELEZA DA CONVERSA

Os índios wari têm cosmologias nas quais os animais estão muito presentes e as transformações de humanos em bichos — e vice versa — é uma narrativa comum. É com uma dessas histórias que a antropóloga social Aparecida Vilaça começa *Onças e borboletas*, uma compilação de e-mails trocados com o filósofo inglês Geoffrey Lloyd durante a pandemia de covid-19. Ele é especialista em história antiga da China e da Grécia, ela, em povos originários da floresta brasileira, mais especificamente os wari, com os quais viveu durante um longo estudo de campo. É a proximidade entre sabedorias muito antigas que ganha corpo na troca de correspondência entre esses acadêmicos, sempre pontuada por muito humanismo e alguma poesia.



ONÇAS E BORBOLETAS — DIÁLOGOS ENTRE ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA

De Geoffrey Lloyd e Aparecida Vilaça. Tradução: Fabiane Secches. Todavia, 152 páginas. R\$ 79,90

QUANDO AS PLANTAS SÃO PROTAGONISTAS

Considerado um dos nomes mais importantes da literatura de ecoficção e cujas obras mais recentes exploram a ansiedade causada pelas mudanças climáticas, o norte-americano Richard Powers fez das plantas personagens em *A trama das árvores*, um romance robusto, lançado originalmente em 2018 e agora traduzido no Brasil. Composto de várias camadas no tempo e no espaço, traz histórias de seres humanos, muitos deles comprometidos em proteger a natureza, e de árvores, algumas delas centenárias e quase todas sempre prestes a sucumbir à ação humana. São relatos que se entrelaçam em uma narrativa assumidamente épica. O ativismo ambiental perpassa as mais de 600 páginas em maior ou menor grau em histórias nas quais os anos são medidos em idades de árvores e as famílias formam blocos nos quais o curso da história humana parece refletir os impasses geracionais. Dividido em quatro partes — às quais o autor dá os nomes de Raízes, Tronco, Copa e Sementes —, o romance acompanha oito personagens cujas vidas estão, de alguma forma, profundamente ligadas às árvores.



A TRAMA DAS ÁRVORES

De Richard Powers. Tradução: Carol Bensimon. Todavia, 646 páginas. R\$ 129,90

...CLIMA